

MOÇAMBIQUE ENTRA NUMA NOVA ERA

# ACORDO GERAL DE PAZ ASSINADO ONTEM EM ROMA

● Chissano e Dhlakama prontos a levar a bom termo a implementação do compromisso

Foi assinado ontem em Roma, capital italiana, o Acordo Geral de Paz para Moçambique, que põe, finalmente, termo à guerra que ao longo de mais de 15 anos devastou o país. Numa cerimónia cheia de emoção e que teve como palco a sala de conferências do Ministério Italiano dos Negócios Estrangeiros, o Presidente da República, Joaquim Alberto Chissano e o Presidente da Renamo, Afonso Macacho Marceta Dhlakama, rubricaram o documento que, sendo constituído por um conjunto de sete diferentes protocolos, abre caminho para o estabelecimento de uma paz duradoira e de uma sólida democracia em Moçambique.

A cerimónia, presidida por Emilio Colombo, Ministro dos Negócios Estrangeiros da Itália, foi testemunhada por numerosas individualidades, a saber: os Presidentes Robert Mugabe, do Zimbabwe e Quett Masire, do Botswana, o Vice-Presidente do Quénia, George Saitoti, o Ministro dos Negócios Estrangeiros da África do Sul, Roelof Botha, o Ministro na Presidência da República do Malawi, John Tembo e o Vice-Secretário-Geral da OUA, Ahmed Hagag.

Presentes também estiveram os mediadores, Mário Raffaelli, representante do Governo italiano e coordenador dos mediadores, D. Jaime Gonçalves, Arcebispo da Beira, o Professor Andrea Riccardi e D. Matteo Zuppi, da comunidade de Santo Egídio.

Dos observadores assistiram à cerimónia, que durou cerca de duas horas e meia, o Secretário-Geral Adjunto das Nações Unidas, James Jonah, o Subsecretário de Estado norte-americano, Herman Cohen, pelo governo dos Estados Unidos, o Embaixador Philippe Cuvillier, pelo Governo da França, Patrick Fairweather, pelo Governo do Reino Unido e o Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação de Portugal, Durão Barroso.

Continuando um pouco os momentos de apreensão e incerteza vividos nos últimos dias em Roma, a cerimónia da assinatura do acordo começou trinta minutos após a hora marcada, com Emilio Colombo proferindo um discurso de saudação ao Governo e à Renamo pelo acordo alcançado e de agradecimento a todos quantos contribuíram para tornarem possível o dia 4 de Outubro.

Colombo expressou a sua profunda satisfação e reconhecimento pelo facto

de tal como se comprometeram na Cimeira de Agosto, o Presidente Joaquim Chissano e o líder da Renamo, Afonso Dhlakama, estarem naquele momento em Roma prontos a rubricar o acordo de paz, apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas ao longo do processo negocial que durou cerca de 27 meses.

O chefe da diplomacia italiana convidou em seguida e, nesta ordem, os Presidentes Quett Masire e Robert Mugabe, o Vice-Presidente do Quénia, George Saitoti, o Ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros e o Secretário de Estado português para a Cooperação a pronunciarem-se, tendo os respectivos discursos sido de exaltação do momento e encorajamento para que as partes saibam honrar o acordo.

Enquanto Masire manifestou esperanças de que a assinatura do acordo signifique efectivamente paz para Moçambique, Robert Mugabe sublinhou que esta data histórica permanecerá viva na memória e nos corações dos povos de África, especialmente do povo moçambicano.

Depois de referir que Moçambique testemunhou nos últimos anos uma guerra horrorosa, em que irmãos se matavam indiscriminadamente, irmãos se matavam entre si ou aos seus próprios pais, frisou que este dia não é de julgamento, de saber quem estava errado e quem estava certo.

Mugabe sublinhou na ocasião o especial interesse do Zimbabwe neste processo de paz em termos histórico-cultural, geográfico e económico e prontificou-se a continuar a dar o seu contributo para tornar o acordo numa realidade.

"Queremos que o nosso acesso ao mar seja garantido pela paz e não mais pela força das armas" — disse Mugabe, numa alusão à presença em Moçambique das tropas

zimbabweanas que deverão retirar-se na sequência do acordo.

Antes da cerimónia da assinatura do acordo, usaram ainda da palavra os mediadores, nomeadamente Mário Raffaelli, Jaime Gonçalves e Andrea Riccardi, saudando as partes pelo acordo alcançado e destacando a

são feitos somente com protocolos e expressões.

O acto de assinatura propriamente dito consistiu em duas etapas. Na primeira etapa os chefes das delegações de ambas as partes às conversações, nomeadamente Armando Emilio Guebuza e Raul

Presidente da Renamo, Afonso Dhlakama, assinaram o documento final do Acordo Geral de Paz para Moçambique, após o que, por esta ordem, discursaram, prontificando-se a levar a bom termo a implementação do acordo.

\* Joaquim Chissano, que ainda ontem



O Presidente Joaquim Chissano e o líder da Renamo, Afonso Dhlakama, fotografados no encontro realizado em Gaborone

colaboração euro-africana que as negociações permitiram reforçar. O chefe da mediação, Mário Raffaelli, visivelmente emocionado sublinhou que chegar a acordo terá para alguns levado muito tempo, mas é necessário reter que acordos desta natureza não

Domingos, rubricaram os quatro últimos protocolos do acordo geral referentes às Questões Militares, Garantias, Cessar-Fogo e Conferência de Doadores.

Na segunda etapa o Presidente da República, Joaquim Chissano, e o

deixou Roma com destino a Lisboa, afirmou que o Acordo Geral de Paz inaugura uma nova era e põe termo à guerra, perspectivando um novo horizonte de paz, harmonia e concórdia. Nesta óptica frisou que "cabe a cada um de nós a responsabilidade de fazer

cumprir o Acordo”, pois a reconciliação nacional é responsabilidade de todos os moçambicanos.

Somos nós todos — disse Chissano — que juntos devemos saber curar as feridas, substituir o ódio pela compreensão e solidariedade, a vingança pelo perdão e tolerância, a desconfiança pela fraternidade e amizade.

Afonso Dhlakama, destacando que “o importante para a Renamo é que se aceite a democracia, liberdade, justiça e defesa dos direitos humanos”, afirmou que iria respeitar o acordo que acabava de assinar. Afonso

Dhlakama disse: o Acordo para nós põe termos aos 15 anos de guerra.

No final da cerimónia, o Presidente Joaquim Chissano em nome do Governo moçambicano procedeu à entrega do convite formal às Nações Unidas, para esta instituição internacional participar na verificação e controlo da implementação do Acordo Geral de Paz e para proporcionar a assistência técnica para a preparação e realização das eleições gerais e presidenciais que serão realizadas aproximadamente daqui a um ano.

O convite foi entregue ao representante das Nações Unidas na cerimónia, o Secretário-Geral-Adjunto da ONU, James Jonah, que recebeu igualmente de Chissano o texto do Acordo Geral de Paz para Moçambique destinado às Nações Unidas.